



Psicanálise e semiótica tensiva: elementos para uma abordagem semiótica dos afetos¹

Tiago Ravello²

Resumo: O presente estudo tem por objetivo apresentar bases para uma abordagem dos afetos, conceito muito caro ao campo da clínica e da pesquisa freudiana, por uma via discursiva. O intuito principal é o de evitar, portanto, os recursos de redução biológica comuns às leituras do projeto psicanalítico que acabam por delimitar os fenômenos afetivos como o resultado de ações que se dariam no plano de um referente orgânico, imprimindo uma leitura de estilo realista ao projeto epistemológico freudiano. Para tanto, este artigo utiliza como recurso a discussão com a semiótica tensiva e o resgate de conceitos próprios aos trabalhos de Saussure, Hjelmslev e Greimas. Como resultado, é apresentado um modelo embasado na concepção de tensividade para reconstrução do modelo econômico freudiano.

Palavras-Chave: psicanálise, semiótica, afetos, linguagem.

¹ DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2020.172025>.

² Docente do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), MS, Brasil. Endereço para correspondência: tiagoravello@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1723-9793>.

Introdução

Ao longo dos últimos anos, temos defendido a importância do diálogo com teorias da linguagem³. Contudo, o campo é de tal modo vasto que nos convém perguntar: por que eleger a semiótica tensiva como interlocutor privilegiado? Freud e Lacan certamente não o fizeram. No caso do primeiro, as linguísticas incipientes de Carl Abel e Hans Sperber, centradas nas hipóteses gerais sobre a aquisição e origem da linguagem (Arrivé, 2001, p. 81), foram tomadas como modelo do saber sobre esta antes que a linguística de Saussure adquirisse um razoável lugar de destaque (como podemos evidenciar em Freud, 1996 [1910] e 1996 [1919]). Nem mesmo o fato pitoresco, descrito por Arrivé (2001, p. 97), referente à análise do filho do mestre genebrino – Raymond de Saussure – por ninguém menos que o próprio inventor do método psicanalítico foi suficiente para aproximar sua teoria da do mestre vienense, sendo que este se manteve obstinadamente alheio ao desenvolvimento da teoria linguística de Saussure⁴.

Lacan, por sua vez, apostou na linguística de Jakobson, fortemente estruturalista e categorial, para o diálogo e, diga-se de passagem, também como mote para a declarada cisão com o campo. A sessão dedicada ao linguista em seu seminário *Mais, ainda* (1985 [1972-1973], p. 24-37) é testemunha nesse sentido. Ao mesmo tempo, seu distanciamento para com a semiótica é notoriamente marcado por desavenças de ordem pessoal, como já indicamos em artigo anterior (Bevidas & Ravello, 2006), e que toma ares trágicos e irreconciliáveis após o suicídio de Lucien Sebag⁵. A discórdia entre Lacan e Greimas foi de tal monta que teve variadas repercussões também institucionais, o que resultou no rompimento das possibilidades de diálogo entre ambas as teorias na época. Contudo, ao analisarmos da maneira mais fria e impessoal possível, livres dos preconceitos e desavenças que permearam a questão – como requer a seriedade no exercício da pesquisa –, somos levados a apostar

³ Fazendo justiça à história mais recente, vale salientar que esse legado de discussões que se inicia com Freud, passando por Lacan, tem duas referências que exercem grande influência nas pesquisas sobre a temática no Brasil. Trata-se dos pesquisadores Michel Arrivé (*in memoriam*) e Waldir Bevidas. Através do primeiro, temos a incansável tentativa de resgate do diálogo entre o pensamento lacaniano e as teorias da linguagem de orientação estruturalista que haviam sido relegadas a uma espécie de esquecimento forçado quanto a sua importância ou possibilidade de render ainda frutos. Já o segundo tem por mérito a criação de uma tradição de pesquisa no Brasil, primeiramente no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ e, posteriormente, no Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da USP, cujo principal feito é o de lutar contra um pré-conceito perigoso disseminado no campo psicanalítico que criou um distanciamento tanto desnecessário quanto perigoso entre a psicanálise lacaniana e teorias da linguagem de tradição estruturalista. Cabe aos dois a homenagem de pesquisadores como eu, que tiveram a oportunidade de adentrar nesse diálogo tão fortuito entre psicanálise e semiótica através da atitude repleta de humildade e bravura desses pesquisadores que souberam ultrapassar as disputas políticas entre campos e as tensões desnecessárias de ordem individual ou institucional para nos legar um leque ainda em aberto de produção e revolução científica. A eles, minha mais sincera gratidão.

⁴ Para uma análise mais aprofundada do tema, ver Arrivé, 1999, p. 11-25.

⁵ Doutorando de Claude Lévi-Strauss, aluno dileto de Greimas e analisando de Lacan, Lucien Sebag tinha como objetivo o diálogo e aproximação dos dois últimos (cf. Dosse, 1991).

justamente no campo semiótico, principalmente no que diz respeito aos seus desdobramentos atuais, enquanto representante preferencial das teorias da linguagem para o diálogo com a psicanálise.

O motivo para essa aposta repousa, inicialmente, em suas origens. O princípio norteador da semiótica nasce no *Curso de linguística geral*⁶ de Ferdinand de Saussure (1985 [1916])⁷, posto que subentendido na proposta geral deste para o termo de “semiologia”. De acordo com Saussure, o conceito é originado no grego *sēmeion* (“signo”) e designa a intenção de “*uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*”, ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral”, sendo que – acrescenta ele – cabe ao psicólogo determinar o seu lugar exato (Saussure, 2003 [1916], p. 24, itálicos do original). A psicologia então reivindicada por Saussure retorna ao longo do *CLG*, por diversas vezes, acentuando o tom imaterial – e psicológico – do significado, apoiado no fenômeno físico – e, logo, material – do significante na fala. Entretanto, o que a concepção de signo (significado/significante) revela em tal passagem é, de fato, a aposta saussuriana na possibilidade de haver pesquisas firmemente calcadas no papel da linguagem nos fenômenos sociais. Ao contrário de seus precedentes – dos quais Franz Bopp é o seu exemplo favorito, mas poderíamos aqui também acrescentar, como citado anteriormente, as referências de Freud quanto ao assunto –, Saussure não concentra seus estudos nas condições idealizadas ou míticas em que a linguagem é adquirida, mas sim, na vida pulsante do discurso. É na oposição a concepções estanques da linguagem que surge o gérmen da semiótica⁸, pronto a ser depurado.

Se, por um lado, Lacan acolhe a linguística – e a fonologia diferencial – de Jakobson como seu modelo de abordagem da linguagem, por outro, vemos ser desenvolvida simultaneamente a ela a chamada *Glossemática* de Hjelmslev. Fundador do *Círculo Linguístico de Copenhague*, em 1931, Hjelmslev é um autor de suma importância para a constituição da semiótica e, em certo sentido, disputou com Jakobson as atenções no campo linguístico de sua época. O eixo teórico que vai de Saussure até a semiótica tensiva passa inevitavelmente pela obra de Hjelmslev. Em relação ao tema de nosso interesse, o autor em questão tem uma importância semelhante à de Lacan no que se refere ao desenrolar da

⁶ Por motivo de concisão, designaremos o *Curso de linguística geral*, a partir de agora, tão somente pela sigla *CLG*.

⁷ A exemplo da metodologia empregada a respeito da obra de Lacan, o texto lido em francês é citado de acordo com sua tradução oficial. Neste caso, mesmo quando a citação foi originalmente encontrada na edição crítica preparada por Tullio de Mauro (1916/1985), sua citação será feita de acordo com a versão brasileira (1916/2003).

⁸ Segundo Lopes (1997), a diferença principal entre os termos *semiologia* e *semiótica* reside no uso, destinando à primeira a “teoria geral dos signos” e à segunda “a teoria da significação”, ambas relacionadas à linguagem em sentido lato e, portanto, também à linguística enquanto disciplina voltada às chamadas “línguas naturais” (Lopes, 1997, p. 30). O autor conta ainda na sequência, apoiado no texto greimasiano, que a unificação entre semiologia e semiótica sob o nome da segunda se deu com a decisão conjunta entre Jakobson, Lévi-Strauss, Greimas e Barthes (p. 32).

teoria psicanalítica: em oposição às teses gerais da fonologia, Hjelmslev buscou apoiar sua obra numa visão epistemológica a mais independente possível das referências físicas. O resultado de tal aposta é justamente a constituição de princípios metodológicos alheios aos recursos contidos na noção de substância e nos fenômenos orgânicos – tal como compreendemos a leitura de Lacan a respeito de conceitos como os de libido, pulsão e afeto.

Nesse sentido, os problemas envolvidos em ambas as teorias é mais essencial e mais similar do que se costuma supor. Se retornarmos aos primórdios da obra lacaniana – o que de fato nos auxiliaria a compreender suas motivações epistemológicas – podemos localizar, por exemplo, no escrito *Para-além do “Princípio de realidade”* (Lacan, 1998 [1936]) as mesmas diretrizes quanto ao problema da fundamentação em suportes substanciais. A crítica que Lacan desfere, na década de 30, à teoria associacionista vigente na psiquiatria de sua época vai exatamente nessa direção:

Tal concepção, portanto, distingue duas ordens nos fenômenos psíquicos: de um lado, os que se inserem em algum nível das operações do conhecimento racional, e de outro, todos os demais, sentimentos, crenças, delírios, assentimentos, intuições, sonhos. Os primeiros exigiram a análise associacionista do psiquismo; os últimos devem explicar-se por algum determinismo estranho à sua “aparência” e chamado de “orgânico”, por reduzi-los, quer ao suporte de um objeto físico, quer à relação de um fim biológico. (Lacan, 1998 [1936], p. 82)

Estranhamente, vemos Lacan situar com precisão a mesma problemática que hoje figura na relação entre psicanálise e neurociências. Estas, fortemente vinculadas à tradição associacionista desde as pesquisas de Pierre Janet, tendem a fazer dos fatos psíquicos “racionalizáveis” o seu objeto de estudo e, ao mesmo tempo, a partir da redução aos suportes físicos ou biológicos, imputar ao restante os mesmos mecanismos lógicos. Assim, fenômenos tais como os de afeto, amor, desejo têm sua entrada forçada no âmbito das explicações recobertas por uma racionalidade naturalizante.

Por mais que possa parecer despropositado esse retorno ao texto lacaniano, devemos ressaltar que sua colocação possui variados pontos de contato com a postura epistemológica defendida por Hjelmslev que, por sua vez, desempenha um papel crucial na montagem dos pressupostos do campo semiótico. Vejamos como Hjelmslev define sua posição: “o que justamente pretendemos foi, utilizando definições formais, evitar formular postulados sobre a natureza dos objetos; portanto, nada postulamos sobre a natureza ou a essência da análise fora daquilo que está contido em sua definição” (Hjelmslev, 2003 [1961], p. 36). É nesse sentido que o autor define sua noção de “formalismo”, que, seguindo a esteira de análise já apontada, podemos enfatizar

como sendo nada mais do que um derivado metodológico de sua concepção imanente de linguagem⁹. A recusa da tentativa de caracterizar os objetos linguísticos numa hipotética essência exterior ao discurso – caracterização esta semelhante à que ocorre em abordagens reducionistas e organicistas dos fenômenos econômicos em psicanálise – é direcionada à crítica da tradição linguística que prevê o signo enquanto signo de alguma coisa, posição julgada insustentável por Hjelmslev. Para ele, o signo saussuriano deve ser revisto à luz da *função semiótica*, primordial em relação à noção de “referência” – como acontece no caso da semiótica e da concepção de signo de Peirce¹⁰ (1995) –, no seu exercício de união de duas grandezas: da *expressão* e do *conteúdo* compreendidos enquanto *funtivos* (p. 53).

No interior dessa composição teórica solidária, na qual a expressão só é expressão de um conteúdo – e a recíproca é verdadeira, pois um conteúdo somente é conteúdo de uma expressão – e mesmo a função semiótica é dependente de seus funtivos, duas categorias acabam por serem reintroduzidas, a saber, *forma* e *substância*. No entanto, Hjelmslev dá um passo crucial em relação ao conceito de substância – similar ao que defendemos ter sido empenhado na teoria lacaniana – ao lhe destituir de conotações realistas de toda sorte. Em suas palavras: “se conservarmos a terminologia de Saussure, temos então de nos dar conta – e justamente a partir de seus dados – de que a substância depende exclusivamente da forma e que não se pode, em sentido algum, atribuir-lhe uma existência independente” (p. 55). Ou, centrando na questão do sentido e lançando mão de um modo de caracterização ainda mais contundente: “o sentido se torna, a cada vez, substância de uma nova forma e não tem outra existência possível além da de ser substância de uma forma qualquer” (p. 57). Não há nessa postura, de modo algum, negação de realidades de natureza diferente à discursiva, mas sim, a defesa firme de que apenas a malha funcional formada pelas funções interdependentes é acessível ao conhecimento humano, relegando, portanto, a “substância” – tomada em sua concepção ontológica – ao campo das suposições metafísicas (p. 83).

⁹ Quanto ao termo “formalismo”, convém lembrar que sua designação foi motivo de críticas intensas ao longo da história. Destacamos como exemplo a posição de Henry (1992) que viu no “formalismo da linguística” uma função totalizante como princípio da ruptura para com a dimensão histórica e filosófica ao impor uma nova forma de conceber o sujeito da ciência (p. 120-125). De nossa parte, destacamos que a posição de Hjelmslev vai mais na direção do redirecionamento do enfoque para a noção de forma, aliás, noção que surge ainda na obra de Saussure.

¹⁰ Tentativas de diálogo entre a teoria Lacaniana e a semiótica de Charles Sanders Peirce têm sido empreendidas no Brasil, já pleiteando o título de semiótica psicanalítica, e deslocando-se principalmente na aproximação entre as noções de real, simbólico e imaginário do primeiro com a concepção de signo tripartite do segundo. Entretanto, não entraremos na questão, pois, tal atitude resultaria na necessidade de exposição de mais uma vertente linguística em suas semelhanças e diferenças, alongando ainda mais nosso campo de análise. Para tanto, indicamos a leitura de Cesarotto (2008), Hisgail (1996; 2000) e Santaella (2002; 2004).

Para utilizar a expressão forjada por Hjelmslev, o processo de semiotização consiste precisamente no atravessamento profundo do discurso na constituição dos objetos do mundo, como um fio condutor que, uma vez em contato com a malha inerente ao universo de linguagem, não pode mais de lá ser descartado. Não se trata, pois, de recusar a existência de objetos externos à rede discursiva, mas sim, em conformidade com a abordagem lacaniana do significante, de ressaltar a função de relha, de arado, que o discurso desempenha em seu contato com os objetos lingüísticos, ou melhor, para utilizar a terminologia de Hjelmslev, com o *texto*. Definido como “a totalidade de uma cadeia lingüística submetida à análise” (Hjelmslev, 1966, p. 131), a noção de texto é ampla de tal maneira que nos permite abarcar sob a sua designação todos os objetos passíveis de decomposição artificial nos planos do conteúdo e da expressão. Dito de outra forma, todo objeto lingüístico pode ser tomado como texto.

Na postura de semiotismo imanente indubitavelmente presente nessas curtas passagens do texto hjelmsleviano, estão contidas as linhas gerais de orientação do campo semiótico que vão ordenar a releitura teórica realizada a partir de Greimas. Com ele, a imanência à linguagem é levada a um patamar ainda mais radical. Desde sua tese de doutoramento sobre a *Moda em 1830* (2000 [1948])¹¹, a postura de Greimas vai paulatinamente no sentido da abertura do foco de pesquisa, elegendo como *texto* objetos nem sempre tidos como lingüísticos ou, então, já em descrédito. Sua primeira publicação de peso, *Semântica estrutural* (1976 [1966]), reflete tal opção epistemológica. Para tanto, tem como cerne a retomada da *significação* e do *universo semântico* como maneira de novamente atribuir ao então desacreditado âmbito do *significado*, ou, melhor dito, do *plano do conteúdo*, sua importância – intencionalmente deixada de lado – enquanto tema digno de ser examinado no interior do movimento estruturalista. Segundo Greimas, o esquecimento voluntário da semântica é correlato à desconfiança por parte dos demais linguistas de conceder a esse plano o direito a uma análise pelos métodos estruturais (1976 [1966], p. 12-13). Sua defesa é a de encaminhar sua análise na direção de demonstrar que o chamado “minimalismo” metodológico do estruturalismo (Milner, 1996) não deve ser visto também como um minimalismo de conteúdo. O caráter diferencial das descrições, típico do movimento em questão, é mantido por Greimas nas oposições semânticas por ele discriminadas num rigoroso quadro hierárquico da linguagem, fundado na “estrutura como modo de existência da significação” (1976 [1966], p. 39). Faz-se necessário, nesse caso, compreender o contexto teórico na composição da semiótica greimasiana: concomitante ao sucesso de abordagens hiper-estruturalistas, nas quais a análise é, via de regra, reduzida ao caráter discreto dos elementos do plano da expressão – tendo o sucesso da renovada fonologia como guia epistemológico – Greimas opera no sentido de buscar

¹¹ Publicada postumamente em 2000.

hipóteses de modelos estruturais igualmente para o plano do conteúdo sem, com isso, torná-lo redutível às oposições no regime da expressão – assim tomada como suporte. Sua contribuição está diretamente vinculada ao intuito de restituir, no seio do movimento estruturalista, o interesse, gradualmente desgastado, pelo *sentido* nas ciências da linguagem; diga-se de passagem, praticamente ao mesmo tempo que Lacan visava a operar o retorno à via da linguagem e do sentido aberta pela psicanálise desde Freud.

Mesmo que as linhas gerais de constituição da semiótica já possam ser identificadas em *Semântica estrutural*, tais como a imanência à linguagem¹² e a recusa da noção de referente como garantia epistemológica (Greimas, 1976 [1966], p. 21), é em *Sobre o sentido* (Greimas, 1975 [1970], p. 21) que o conceito de “semiótica” é tomado de empréstimo a Hjelmslev. O âmago da definição desse conceito, como revela o autor, permanece sendo o de uma *forma* “obtida pela junção de duas substâncias”, a da expressão e a do conteúdo (Greimas, 1975, p. 38). Compreendida como uma hierarquia passível de análise – admissível somente pela definição da própria linguagem como hierarquia (Greimas, 1975, p. 99) – na qual seus elementos podem ser determinados em função de suas relações recíprocas (Greimas, 1975, p. 21), a semiótica é definida como um modelo de leitura que não é restrito exclusivamente ao campo da linguística. Caberia, portanto, a cada ciência a delimitação de sua própria semiótica, o que se daria a partir da exposição de seus métodos e de seu *corpus*. Isso porque a semiótica, em sua origem, não é constituída enquanto nova disciplina, mas, sim, enquanto novo meio de abordagem.

A rigor, como bem destaca Julia Kristeva, o fundamento do intuito epistemológico inerente à semiótica em sua vinculação à glossemática de Hjelmslev está na “formalização”, se tomada tão somente enquanto produção de modelos (Kristeva, 2005 [1969], p. 33). Vejamos, no seguinte excerto de texto, como Greimas posiciona-se frente à questão da importância metodológica que a formulação de modelos assume em sua teoria:

O projeto estrutural relativo a esta instância de mediação é, portanto, duplo: trata-se, de um lado, de esboçar a construção dos modelos da articulação dos conteúdos, tal como eles são imagináveis a este nível do percurso do sentido. E trata-se, por outro lado, de estabelecer modelos formais capazes de manipular estes conteúdos e de ordená-los de tal forma, que eles possam comandar a produção e a segmentação dos discursos; e que

¹² Importante notar que a tese geral da imanência da linguagem é de tal forma arraigada no projeto semiótico que o autor chega a colocar em suspeição a distinção feita por Freud entre conteúdo latente e conteúdo manifesto. A questão é colocada porque Greimas acredita que a oposição freudiana desloca o critério de definição do discurso de sua própria existência – posto que imanente – para a eventual decodificação pelo emissor ou seu destinatário (Greimas, 1976 [1966], p. 132-133).

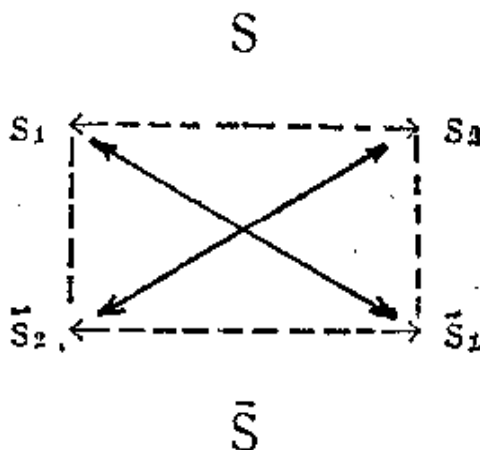
possam, também, organizar, sob certas condições, a manifestação da narratividade. (Greimas, 1975 [1970], p. 147)

A concepção estrutural trata, portanto, da vinculação dos planos do conteúdo e da expressão, em mútua determinação – como requer a função semiótica tal como definida por Hjelmslev –, mas incluindo nesse intuito o caráter diferencial e relacional entre os eixos semânticos (do conteúdo) e fêmicos (da expressão) formando hierarquias e categorias, o que quer dizer, a princípio, que a definição do sentido não é dada *a priori*, em sua relação com objetos ontológicos externos – como se dá em linguísticas realistas ou referencialistas – nem mesmo restrita a um único plano – de oposições *somente* de conteúdo ou derivada da diferenciação de sua expressão, seja ela meramente fonológica, seja ela restritamente significante. É seguindo nessa direção que Greimas propõe o modelo do *quadrado semiótico* para dar conta desse conjunto de relações e, ao mesmo tempo, vislumbrar a *estrutura elementar da significação*.

Comandar a “produção e segmentação do discurso”, a partir da proposição de uma estrutura elementar da significação, em última instância, diz respeito à formulação de um modelo com o objetivo de lançar luz não somente sobre a geração do sentido em micro-universos semânticos, mas também sobre a sua organização. Ou seja, dentro de uma isotopia, o sentido é resultante, em primeiro lugar, de sua oposição a outros semas e, em seguida, das relações exercidas no nível da substância do conteúdo. Certamente o plano da expressão está implicado de forma inerente ao modelo, contudo, ao destacar a relação entre forma e substância do conteúdo, Greimas está dando um passo além da já afirmada função semiótica, visando a dar conta das oposições constitutivas equivalentes no plano do conteúdo. Tal procedimento toma maior importância se, por exemplo, o contrapormos à tentativa de Jakobson de delimitar uma espécie de predominância das oposições morfológicas na formação do sentido, inclusive a partir do “valor sinestésico latente de certas oposições de fonemas” (Jakobson, 2001, p. 113)¹³. Para facilitar a discussão, vejamos como Greimas representa graficamente o seu modelo:

¹³ Na sequência do texto de Jakobson podemos observar, inclusive, uma hipótese fundamentada nas distinções fonológicas para nelas situar a questão do valor na matriz linguística: “a coexistência de duas formas sonoras alternantes de uma só e mesma raiz cria um paralelismo diagramático entre a oposição dos dois níveis tonais no seio dos significantes e a dois valores de gradação nos seus significados respectivos” (Jakobson, 2001, p. 113).

Figura 1: Quadrado semiótico conforme proposto por Greimas.



Fonte: Greimas, 1975 [1970], p. 127.

Propomos o exame do quadrado semiótico (Fig. 1) com a utilização de um exemplo utilizado por Lacan: o da oposição entre *dia* e *noite*¹⁴. Em primeiro lugar, devemos destacar a linha superior – representada pela letra *S* – como a formulação de eixo semântico, ou seja, situado na substância do conteúdo. O caráter fundamental de uma abordagem estrutural é supor que a concepção do sema “dia” (*S1*) somente é possível em função da oposição ao sema contrário, aqui evidentemente, o de “noite” (*S2*). Ao menos, é desse modo que procede a maior parte das análises situadas no plano da expressão e que acabaram sendo tomadas como modelo do estruturalismo no meio linguístico.

Importante abrir, nesse ponto, um parêntese de cunho epistemológico: notadamente, a origem morfológica segundo essa vertente teórica se dá no recorte diferencial e opositivo dos fonemas dentro de um código linguístico, entre as inúmeras possibilidades que a aparelhagem da fala permite, seguindo as leis de combinatória que cada língua comporta. Assim, /p/ é destacado como um fonema somente na justa medida em que difere de /b/, sendo que este difere de /t/ e assim por diante. Em seguida, a organização dos fonemas em sílabas (na passagem da fonética à fonologia) é definida de acordo com as leis de comutação que ordenam os conjuntos no interior do código – o que faz com que /t/ não possa ser precedido de /h/ na língua portuguesa, mesmo que isso seja frequente na língua inglesa, da mesma forma que consoantes aspiradas fazem parte das línguas germânicas e árabes, e não da nossa. O caráter estruturante dessas

¹⁴ Em seu terceiro seminário, Lacan indica o fundamento anti-referencialista de sua concepção de significante tomando o mesmo exemplo: “se lhes falei do dia e da noite, é para lhes fazer sentir que o dia, a própria noção do dia, a palavra dia, a noção da vinda do dia, é alguma coisa, propriamente falando, de inapreensível em alguma realidade. A oposição do dia e da noite é uma oposição significativa, que ultrapassa infinitamente todas as significações que ela pode acabar por recobrir, e mesmo qualquer espécie de significação” (Lacan, 1988 [1955-1956], p. 226).

oposições no plano da expressão é certamente o ponto de contato mais evidente entre as teorias de Hjelmslev e Greimas com a de Jakobson. Entretanto, convém salientar que a direção tomada pelo último, na exploração do vetor de determinação do plano da expressão ao plano do conteúdo leva-o a aproximar-se de pesquisas que visam igualmente à redução ao regime dos estados cerebrais. Vejamos um exemplo de formulação desse tipo de intenção epistemológica:

Quaisquer procedimentos com traços distintivos provam serem insuficientes enquanto a questão do conjunto do sistema e suas leis subjacentes não forem examinadas levando em consideração a oposição binária constituinte em cada traço. Um catálogo de meras contingências é necessariamente precedido por um modelo lógico de sua rede distintiva. A estrutura hierárquica de cada oposição (com uma superposição, 'marcada', oposta), de suas combinações e de suas inter-relações torna-se o problema fundamental da análise. Esta análise é fortemente corroborada pelas recentes descobertas das relações entre linguagem e ambos os hemisférios do cérebro e requerem maiores e mais profundas cooperações de linguistas com neurologistas investigando estes problemas de importância ofuscante. (Jakobson; Waugh, 2002, p. 235-236)

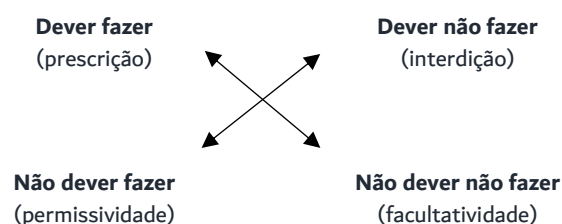
Situar o problema central da análise nas oposições entre traços distintivos no nível morfológico restringe de sobremaneira o limite da abordagem. Como era de se esperar, Greimas critica a extrapolação do modelo jakobsoniano, fundamentando seu exame nas pesquisas deste sobre a função poética e suas "explorações semânticas", tendo como ponto crítico o caráter então suposto de "unicidade" da substância linguística (Greimas, 1975 [1970], p. 264). Ou seja, partir das diferenças da matéria sonora, ancorando a análise nas chamadas qualidades físicas e traços distintivos, por mais que nos permita uma ampla gama de definições fonológicas, esbarra no aspecto plural do discurso. Em função disso, a indicação de uma direção à qual seria necessário avançar é descrita por Jakobson como sendo aquela da redução aos fenômenos de ordem cerebral ao invés da consideração de conjuntos mais complexos da linguagem, concernentes às linhas de constituição no plano do conteúdo. Para tanto, voltamos ao exame do quadrado semiótico.

Se entre S1 (dia) e S2 (noite) temos uma relação entre contrários, a complexificação do modelo proposto por Greimas requer, ao mesmo tempo, uma dupla relação de disjunção e conjunção, representada pelas setas duplas – o que acentua o aspecto estruturante da oposição. Além disso, o modelo prevê igualmente relações de implicação entre S1 (dia) e a negação de seu contrário em $\bar{S}2$ (não-noite). Assim, temos uma estrutura complexa para a significação formada por funções entre elementos que os tomam como *contrários* (S1 e S2, seguindo o exemplo, dia e noite), *contraditórios* (S1 e $\bar{S}1$, dia e não-dia) e *implicados* (S1 e $\bar{S}2$, dia e não-noite). Aprofundar o que seria, segundo Greimas,

a estrutura elementar da significação de um sema tal como *noite* seria avançar no exame de tais funções para vê-la não somente dentro de uma análise binária, situando-a como o contrário do dia, mas também, enquanto implicada no não-dia (por exemplo, o crepúsculo) e contraditória à não-noite (digamos, a alvorada). O quadrado semiótico, assim compreendido, é aplicado, por conseguinte, a uma série de contextos com a finalidade de indicar sua pertinência, sendo as releituras do modelo social das relações sexuais de Lévi-Strauss (p. 132-137) e das funções da narratividade segundo Propp¹⁵ (p. 217-254) seus principais objetos.

Entretanto, é nos trabalhos subsequentes de Greimas (em sua obra de 1983; e nas obras conjuntas de Greimas; Courtés, 2008 [1986]; e de Greimas; Fontanille, 1993 [1991]) que a aplicabilidade da estrutura elementar da significação ganha aspectos mais marcantes, primeiramente, em função do aprofundamento da noção de *modalização*, já presente no texto *Sobre o sentido* na questão dos “enunciados modais” (1975 [1970]. p. 155), porém, ainda com contornos esparsos. O processo de modalização consiste no enriquecimento da sintaxe narrativa, ou seja, da abordagem no plano da substância do conteúdo, com a inclusão dos verbos modais enquanto *ato de linguagem* definido pela “modificação do predicado pelo sujeito” e que organizam uma categoria semântica (Greimas, 1976 [1966], p. 90). A utilização dos verbos modais *poder*, *querer*, *dever* e *saber* acoplados ao verbo sobremodal *crer* e às funções-predicado do *fazer* (transformação) e do *ser* (junção), cria estruturas que visam a dar conta, em conjunção, de uma gama de funções presentes no nível narrativo. Vejamos um exemplo de aplicação das modalidades através do quadrado semiótico:

Figura 2: Quadrado semiótico aplicado à modalidade do /dever fazer/.



Fonte: Greimas, 1976 [1966], p. 97.

¹⁵ O exame da narratividade nos contos fantásticos e nos mitos feito por Vladimir Propp, principal nome do formalismo russo, exerce influência direta tanto nos trabalhos do *Círculo de Praga* (especialmente o de Jakobson) quanto nos de *Copenhague* (sobretudo na teoria de Hjelmslev). Da mesma forma, Lévi-Strauss é igualmente levado à análise de seu texto, a ponto de designá-lo como o predecessor do movimento estruturalista (Lévi-Strauss, 1984, p. 168). No que diz respeito a nossa pesquisa, Propp marca, a partir do estudo sobre a narratividade, uma abertura importante para a abordagem do discurso numa vertente não estagnada, dinâmica, posto que não inteiramente reduzida ao plano da expressão, sendo o exame das modalidades o próximo passo a ser dado.

Em suma, as modalizações criam possibilidades de *discretização* no universo narrativo, ao molde de uma primeira versão estruturalista essencialmente categorial que, no entanto, paulatinamente vai abrindo caminho para uma semiótica do contínuo, do gradativo, inerente a novas vertentes dinâmicas do estruturalismo (Greimas; Fontanille, 1993 [1991], p. 34). Com a progressiva suavização do modelo estruturalista, que antes levou à radicalidade o oposicionismo, os modelos semióticos mais atuais visam lançar luz sobre os fenômenos do contínuo, movimento que se faz presente de maneira crescente na obra de Greimas e que atinge seu ápice em *Semiótica das paixões* (Greimas; Fontanille, 1993 [1991]), como veremos no próximo item. Nesse sentido, novos objetos assumem a pauta da pesquisa no campo da linguagem. É o caso, por exemplo, das concepções de sensibilidade, gosto e plano sensorial (Greimas, 2002 [1987]), de tempo e espaço (Fiorin, 2002), dos regimes e atos de presença (Landowski, 2002), e, sobretudo, como veremos mais especificamente a respeito da semiótica tensiva, do valor e da intensidade.

O percurso que nos leva, portanto, da linguística de Saussure, passando pela glossemática de Hjelmslev e pela semiótica modal de Greimas, à semiótica tensiva adquire sua importância na medida em que se torna possível resgatar o conceito de afeto no interior de uma concepção imanente de linguagem. De fato, a retomada da noção de valor no modelo da semiótica tensiva, embora seja possível somente em função dos desenvolvimentos teóricos acima expostos, apresenta uma posição heurística. Isso porque a fundamentação de seu campo se dá justamente na indicação dos limites que pontos de vista essencialmente categoriais apresentam no tocante à abordagem das paixões na matriz linguística. Entretanto, como não poderia deixar de ser, esse passo é momentoso, tendo sido necessárias antes as contribuições de Saussure sobre a semiologia, de Hjelmslev a respeito da imanência da linguagem e da ampliação de foco exercida por Greimas para, somente então, ser possível repensar a implicação do corpo e do contínuo nos modelos semióticos. Como pretendemos apontar na sequência, noções como as de *tensividade*, *valência*, *foria*, bem como novas oposições constitutivas do campo – tais como as de *intensidade vs. extensidade*, *profundidade tímica vs. profundidade classemática* – permitirão lançar hipóteses revigoradas no que diz respeito ao diálogo entre psicanálise e semiótica, tendo como pano de fundo os aspectos econômicos.

2. Das modalidades à tensividade: introdução à semiótica tensiva através da semiótica das paixões

Conforme indicamos anteriormente, a semiótica tensiva começa a surgir no interior mesmo das reflexões acerca das modalidades semióticas, na medida em que estas são levadas a sua radicalidade. Dito de outra forma, é justamente em função das críticas de cunho epistemológico referentes à maneira pela qual a

discretização inerente aos modelos semióticos anteriores acabam por constituir uma concepção de mundo descontínua – tais como o do quadrado semiótico e da estrutura elementar da significação que a complexificação é exigida. É nesse sentido que, no início da década de 1990, as conjecturas de base da semiótica tensiva começam a ser delineadas por Greimas e Fontanille em *Semiótica das paixões* (1993 [1991]), especialmente em sua introdução (p. 9-20) e primeiro capítulo, intitulado *A epistemologia das paixões* (p. 21-96), aos quais daremos prioridade em nosso exame¹⁶. Marcando a distância em relação a supostos “compromissos ontológicos” característicos às semióticas e linguísticas realistas e referencialistas, os autores tratam do *modo de existência semiótico* como reafirmação de sua aposta na imanência à linguagem (p. 11-12). Ao mesmo tempo, o caráter propriamente contínuo a ser reintroduzido na vertente teórica aberta por Saussure e novamente examinada por Hjelmslev é reivindicado epistemologicamente pela *mediação do corpo* nos processos de linguagem, dando, assim, origem à noção de *tensividade*. Segundo Greimas e Fontanille, no texto em questão:

É pela mediação do corpo que percebe que o mundo transforma-se em sentido – em língua –, que as figuras exteroceptivas interiorizam-se e que a figuratividade pode então ser concebida como modo de pensamento do sujeito. A mediação do corpo, de que o próprio e o eficaz são o *sentir*, está longe de ser inocente: ela acrescenta, por ocasião da homogeneização da existência semiótica, categorias proprioceptivas que constituem de algum modo seu “perfume” tímico, e até sensibiliza – dir-se-á ulteriormente “patemiza” – cá e lá o universo de formas cognitivas que aí se delineiam. (Greimas; Fontanille, 1993 [1991], p. 13)

Ao contrário das críticas que viram na semiótica o resultado teórico de um formalismo epistemológico demasiadamente categorial e estanque, ou ainda, excessivamente restrito à fala racionalizada, a semiótica tensiva então incipiente apresenta-se como uma abordagem heurística das relações entre linguagem e corpo. Sem lançar mão nem de fundamentos substancialistas (ou organicistas), nem mesmo da noção de *referente*, a semiótica propõe a implicação do corpo no processo de formação do sentido sem com isso dar um passo sequer para além da ordem da linguagem. Tanto o procedimento *exteroceptivo* – a percepção de propriedades provenientes do mundo exterior, o semiológico propriamente dito – quanto o *interoceptivo* – enfoque de categorias abstratas, “não figurativas” – entram no exame a respeito do pensamento somente a partir de sua mediação

¹⁶ Os capítulos posteriores, referentes à *Avareza* e ao *Ciúme*, embora elucidativos em relação à posição tomada pela semiótica no que diz respeito às paixões, por se tratarem de temas mais específicos, não serão aqui abordados.

*proprioceptiva*¹⁷, ou seja, de sua reintegração “no espaço interior uniforme do sujeito” (p. 14-15). Entretanto, a distinção entre intero, extero e proprioceptividade é considerada no *Dicionário de semiótica* (Greimas; Courtés, 2008 [1986]) como uma classificação limitada em função de seus critérios “extra-semióticos”, posto que fundamentada na percepção e sem maiores exames a respeito do papel aqui exercido pela linguagem. Porém, o que interessou aos autores ressaltar – e a nós, resgatar – é que a tríade acima destacada, presente desde *Semântica estrutural* (Greimas, 1976 [1966], p. 116), passa a ser vista na *Semiótica das paixões* como meio de abordagem de três formas de *semiose*, destacando não a sua referência a objetos anteriores, mas sim, a função desempenhada pelo corpo e pelos fenômenos aspectuais na constituição dos espaços de expressão e significação.

Assim, o ponto de virada que, de certo modo, dá a especificidade do texto ora examinado é, precisamente, a *inclusão do corpo* no espaço subjetivo de criação dos objetos semióticos a partir das funções do registro proprioceptivo. Fazendo o contraponto com o texto referente à *Semântica estrutural*, desde lá podemos indicar o papel destinado à categoria sêmica, isto é, designada na ordem da substância do conteúdo, da *foria* (*euforia vs disforia*) como “uma espécie de *a priori* integrado na própria percepção” (Greimas, 1976 [1966], p. 116). Ao situar a oposição em questão como categoria proprioceptiva inerente à percepção, Greimas está justamente ressaltando a organização de isotopias discursivas em função do caráter eufórico ou disfórico, o que seria condizente com o pressuposto freudiano, tal como destacado por David-Ménard (2000), da predominância do prazer/desprazer na ordenação primordial do psiquismo. Contudo, no texto greimasiano dos anos 1960, a oposição é inteiramente diluída nas diferenças de significação, reforçando o enfoque categorial e estrutural. Já em *Semiótica das paixões*, é a mediação exercida pelo corpo, ao tornar homogêneos os espaços extero e interoceptivo, por intermédio do *engajamento* do sujeito na propriocepção, que faz do *sentir* uma atividade tímica¹⁸. Por sua vez, a *timia* enquanto categoria é introduzida na teoria justamente com a intenção de destacar a ligação acima citada entre o corpo próprio e o semantismo inerente às disposições afetivas mais fundamentais, distinguindo primeiramente seus elementos fóricos como *eufóricos*, *afóricos* (termo neutro, grau zero) e *disfóricos* dentro de eixos de significação (por exemplo, uma *dêixis* do quadrado semiótico, dividindo-o, portanto, em dois eixos). A *foria* é de tal forma essencial ao modelo constitutivo – ou gerativo, para manter o termo usado na semiótica – que os

¹⁷ Segundo Greimas e Courtés (2008 [1986]), a proprioceptividade é definida como o “conjunto das categorias sêmicas [...] resultante da percepção que o homem possui de seu próprio corpo” (p. 393).

¹⁸ A *timia* (do grego *thymós*, “alma, espírito, coração, emoção, afetividade”, conforme o Dicionário Houaiss) deve ser aqui compreendida como a propriedade de pertencer ao campo das paixões.

autores chegam a reconhecê-la como um “esboço de sintaxe” (Greimas e Fontanille, 1993 [1991], p. 33).

Desse modo, a formação do valor, desde o texto em questão, é redimensionada à constituição discursiva dos objetos, porém, nela incluindo o regime de continuidade pela mediação somática. Trata-se, pois, da inclusão do corpo no cerne dos meios de formulação da *dimensão semiótica da existência*. Tal hipótese somente foi possível em função da identificação dos limites da modalização que, mesmo caracterizando de maneira satisfatória os eventos da narratividade – por critérios de descontinuidade e através do quadro de oposições entre significações –, deixava em aberto os fenômenos notoriamente contínuos da *aspectualidade*. Com esse termo, Greimas e Fontanille inserem, como um ganho ao modelo semiótico, a possibilidade de uma nova ordem de determinação dos fenômenos de semiose. Introduzida na linguística a partir do ponto de vista da ação, a aspectualidade revela a importância do actante observador a quem o discurso é endereçado (Greimas; Courtés, 2008 [1986], p. 39-40). No que diz respeito à relação entre os actantes do discurso, a aspectualidade ressalta características sêmicas fundantes, sendo primeiramente pensada em modelos binários (com os termos de acabado *vs.* inacabado, ou perfectividade *vs.* imperfectividade) ou ternários (de *duratividade*, *incoatividade*, *pontualidade*, respectivamente responsáveis pela duração, começo e término de um discurso), que, assim, outorgam aos objetos semióticos suas idiosincrasias (Zilberberg, 2002a, p. 3). Trata-se, pois, do atravessamento de traços distintivos na formação desses objetos semióticos, por exemplo, sua ritmização: o prolongamento ou arrastamento de uma fala, as modificações de tom, volume e assim por diante (Zilberberg, 2002a, p. 5).

Ao lado das modalidades, tais procedimentos possibilitam a fundamentação de uma semiótica da ação – e, logo, do posicionamento actancial –, sendo que a aspectualidade tem como objeto de pesquisa os elementos inerentes a um “nível epistemológico profundo”, marcado pelas concepções de *tensividade* e *foria*, no qual os fenômenos linguísticos são compreendidos como sendo igualmente da ordem das *paixões*, campo este que será retomado em primeiro plano no enfoque proposto ao contínuo. Segundo os autores:

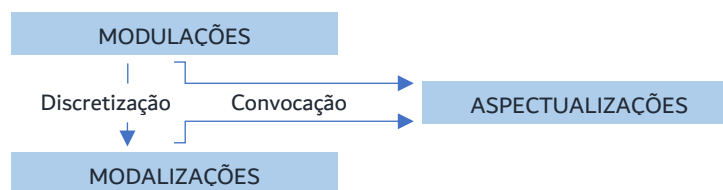
A *tensividade*, fenômeno ampla e devidamente constatado, característica inseparável de todo desenrolar processual frástico ou discursivo, parecia poder ser dominada, num primeiro tempo, pela projeção das estruturas do descontínuo, com o risco apenas de adiar a construção de uma gramática aspectual que desse conta, ao mesmo tempo, de ondulações temporais e de sinuosidades espaciais. Entretanto, a urgência de completar a teoria das modalidades, equilibrando as modalidades do ser e uma interrogação insistente sobre a natureza dos estados, dinâmicos e inquietos, obrigava a enfrentar diretamente a problemática das

paixões. (Greimas; Fontanille, 1993 [1991], p. 17, *itálicos do original*)

Desse modo, a noção de tensividade em *Semiótica das paixões* marca a necessidade profunda e inadiável, por parte não apenas da semiótica modal, mas da linguística como um todo, de avançar por sobre o campo da aspectualidade. Ao mesmo tempo, a tensividade se insere num rol de modelos contrários a projetos naturalizantes a respeito da continuidade epistemológica. Isto, porque, ao invés de conceber os aspectos tímicos como resultantes de processos reduzidos a bases biológicas de qualquer ordem, o fundamento teórico que começa a ser pensado com a tensividade é o da modalização progressiva do que seria uma “massa tímica”, entendida como pré-condição da própria significação (Greimas; Fontanille, 1993, p. 24-25). Consequentemente, os conceitos de tensão e foria irão adentrar no meio semiótico como novas formas de recorte e constituição de fatos tanto no plano da expressão quanto no do conteúdo, reposicionando a abordagem saussuriana – quanto ao valor – e hjelmsleviana – quanto à disposição dos planos e dos respectivos “*continuum* amorfos”.

A hipótese de uma “massa tímica”, aos moldes da suposição de Hjelmslev de um “*continuum* amorfo” como base imanente da linguagem tanto no plano da expressão quanto no plano do conteúdo, sobre os quais as formalizações se tornam possíveis, enquanto recortes, implica na formulação de um conceito que nos será de extrema importância: o de *valência*. Elevando a aspectualidade ao patamar “acima e aquém do valor propriamente dito” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 26), o conceito de valência surge como uma “espécie de ‘valor’ do valor”, ou ainda, “sombra” do valor, a suscitar seu “pressentimento” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 44), reafirmando as pré-condições tensivas na formação da significação. A valência – termo tomado de empréstimo da química, mas sem dele manter nem a referência substancial, nem mesmo uma definição propriamente metafórica – é definida, portanto, como “potencialidade de atrações e de repulsões associada a um objeto” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 27), obviamente, em termos discursivos e como alicerce da formação de cadeias isotópicas.

Na distribuição dos registros do modelo semiótico geral então defendido para a abordagem das paixões, a aspectualização assume no discurso uma “dimensão hierarquicamente superior” em relação aos seus registros co-ocorrentes (Greimas; Fontanille, 1993, p. 26). Apresentaremos a seguir o modelo gráfico que visa dar conta de tal ordenação:

Figura 3: Percurso do contínuo (modulações) ao descontínuo (modalizações).

Fonte: Greimas; Fontanille, 1993 [1991], p. 70.

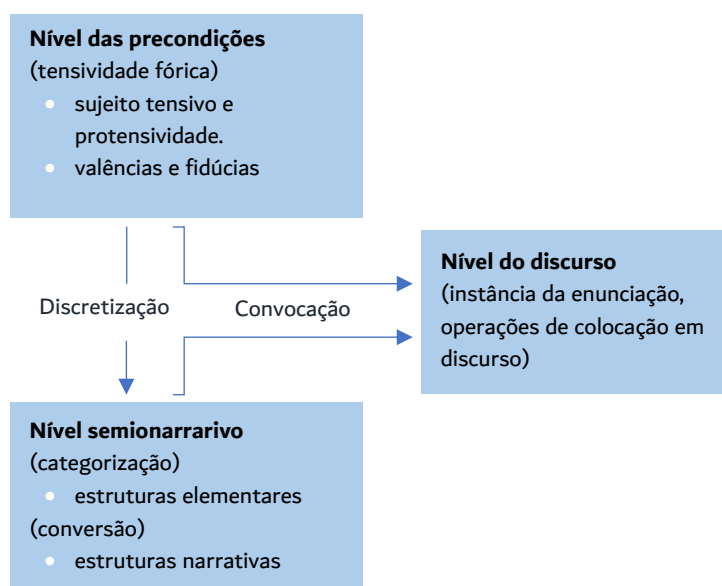
Definido como um percurso gerativo categorizante, em outras palavras, a hipótese de formação das próprias categorias com as quais tal semiótica irá operar, a epistemologia subjacente à definição e a metodologia referente à leitura das paixões é encaminhada para o procedimento incluso no modelo acima exposto. Em primeiro lugar, temos as *precondições da significação* enquanto modulações primordiais da “massa tímica” – esse conjunto amorfo de possibilidades de apresentação que formam o contínuo intensivo –, enfim, os recortes iniciais que formam as primeiras ordenações em termos de *tensividade fórica*, sem a qual a significação não se pode dar. Com o procedimento posterior de *discretização*, as *modulações* se organizam em *modalizações*, no qual temos então o nível semionarrativo e nas quais podemos reconhecer as *estruturas elementares da significação*. Nesse ponto, pode-se muito bem notar que a noção de tensividade, um pressuposto da semiótica tensiva que começa a despontar, não se opõe à continuidade do trabalho nos termos da semiótica modal que lhe é precedente. Ao contrário, o conceito de tensividade oferece às análises modais uma espécie de embasamento, ainda em termos de linguagem, ao indicar processos mais elementares de composição dos objetos semióticos, ligando assim a existência semiótica à existência tímica e, por que não dizer, afetiva.

Por fim, temos propriamente o registro do discurso, assentado na aspectualização. Esta, por sua vez, somente é possível através de uma função de *convocação*, que demarca o caráter imanente do discurso ao postular que a ele não cabe especificamente “criar” novos elementos no vazio, mas sim, “convocar” por ações estruturadas o que foi engendrado pelos níveis anteriores. Do mesmo modo, a convocação pode ser encarada como uma dupla função de *engajamento* do sujeito, seja a partir das estruturas narrativas, seja pela tensividade presente no nível actancial (Greimas; Fontanille, 1993, p. 58).

É igualmente no registro do discurso, assim delineado, que os autores localizam a *dimensão tímica* formada pela sintaxe intermodal, compreendida como variações infinitas de rearranjos das modulações e modalizações. De certo modo, faz-se necessário que a tímica esteja localizada na inscrição do discurso e não nas precondições da significação (como ocorre com a tensividade e a foria), pois é nesse âmbito mais plural – já que composto pelas relações intermodais,

isto é, entre diferentes modalidades – que as paixões se encontram, conferindo a ele uma “dimensão patêmica”¹⁹. Isto porque a semiótica as define como objetos compostos, sincréticos à sua maneira, e assim evita a postura de redução dos fenômenos semióticos a uma tipologia ou psicologia das paixões, atitude semelhante à de Lacan quanto à abordagem dos afetos. De maneira mais detalhada, podemos encontrar o mesmo modelo dos registros de abordagem desdobrado nos seguintes termos:

Figura 4: Modulações, modalizações e aspectualizações.



Fonte: Greimas; Fontanille, 1993, p. 69.

Na Figura 4, podemos identificar primeiramente a exposição no nível das modulações – ou precondições da significação – de um sujeito tensivo disposto na protensividade. Nada muito diferente do que apontamos a respeito do afeto na via assintótica delineada na leitura da obra de Lacan (Ravanello; Dunker; Beividas, 2017). Lá nos foi possível delimitar como o autor considerava o afeto como *não sendo* de ordem idiopática, ou seja, diferentemente de uma suposta primeira incidência afetiva a constituir o sujeito, mas sim, mantendo relação com sua formação. Aqui, trata-se notoriamente da inclusão do sujeito desde o regime da tensividade, implicado no atravessamento operado pelas valências em sua posição. Logo, a circulação destas “sombras de valor” – as valências – configuradas tal qual polos de atração fórica fundamentais no arranjo dos elementos do plano do conteúdo, ordenam a protensividade como regime de

¹⁹ A dimensão patêmica, por sua vez, é compreendida enquanto “conjunto das propriedades manifestáveis do universo passional” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 78).

captação imaginária sem destituir a díade prazer/desprazer – correlata à categoria da foria – da função de guia neste processo. Tal atitude é condizente com a postura imanente de renunciar à busca em *corpus* que não o discurso, tanto no que diz respeito à generalização de um sistema passional quanto à localização do sujeito, delimitado como inerente aos atos de linguagem desde o nível das modulações. Entre as instâncias da protensividade, da narratividade e da enunciação, não há diferenças de natureza, mas tão somente de organização, pois o essencial a ser dito sobre elas é que, em todas, o sujeito é semelhantemente convocado, ou, melhor dito, engajado em sua formação.

Tendo assim destacado elementos de introdução à semiótica tensiva, passamos em seguida ao exame de suas possíveis contribuições ao tema do afeto e do ponto de vista econômico da psicanálise.

À guisa de conclusão: o afeto estruturável como linguagem

A semiótica tensiva, enquanto *work in progress*, tem sido desenvolvida, após a morte de Greimas, principalmente nos trabalhos de dois semioticistas franceses: Jacques Fontanille e Claude Zilberberg. Seguindo o percurso de Hjelmslev e Greimas na reordenação e exame do campo aberto por Saussure, o que a semiótica tensiva tem trazido como proposta é justamente uma nova abordagem da concepção de *valor* – e dos conceitos a ele adjacentes – num enfoque imanentista da linguagem. Para tanto, os autores têm apresentado uma série bastante rica de hipóteses acerca de possibilidades de definição, tanto no plano da expressão quanto no plano do conteúdo, de conceitos que recobrem as figuras da *intensidade* e da *continuidade* em linguística, até então relegadas ao segundo plano. De acordo com Zilberberg, e já apontando a direção pela qual seus modelos serão delineados, “a questão semiótica por excelência, a partir de Saussure, não consiste tanto na *significação*, mas sim no *valor*.” (2002, p. 32, itálicos do original).

A semiótica tensiva terá como intuito principal dar continuidade a esse exame, buscando formas cada vez mais apuradas para recobrir conceitualmente a temática do *sensível*, isto é, segundo a terminologia psicanalítica, do *econômico*. Tomamos a liberdade de trazer à tona o ponto de vista econômico, pois, segundo a hipótese que defendemos, o diálogo entre psicanálise e semiótica tensiva pode lançar novos elementos cruciais para uma abordagem discursiva do afeto. A princípio, tal diálogo mostra sua pertinência através dos contornos de centralidade no conjunto teórico que a semiótica tensiva lhe outorga. Ao invés de meramente indicado em possíveis desdobramentos de estruturas binárias, aparentemente limitadas em relação à pluralidade e potencialidade do plano afetivo humano, o objeto claro e específico dos modelos semióticos em questão é o de fundar a primordialidade dos fenômenos afetivos no discurso.

Zilberberg, especialmente, aponta claramente essa retomada, pois, segundo ele: “para o pensamento científico, a afetividade é considerada embaraçosa, supérflua e, para o cúmulo da infâmia, irracional; porém esta objeção é como um negativo que revela, por outro lado, os limites, senão as lentes, do intelectualismo” (Zilberberg, 2000, p. 140). E, logo em seguida complementa: “uma semiótica *integrada*, para merecer este qualificativo, deve regular os intercâmbios entre as formas e os afetos” (Zilberberg, 2000, p. 140, itálicos do original). Se a tendência geral identificada nos rumos do pensamento científico foi a de desprezar os fenômenos de ordem afetiva, ou mesmo bani-los de seu enfoque, a semiótica tensiva, assim como a psicanálise fez desde a escuta freudiana dos sintomas histéricos, visa a lhes devolver não somente o merecimento da análise, mas sua centralidade no projeto epistemológico em curso²⁰. Ao mesmo tempo, a crítica desferida contra o *logocentrismo* de determinadas vertentes linguísticas ressalta, essencialmente, a necessidade – assumida pela semiótica tensiva enquanto propósito – de buscar modelos teóricos que visem a reaver o plano afetivo e econômico no seio das teorias da linguagem, fazendo com que o âmbito semiótico, reputado como sendo supostamente “frio”, possa assim dar sua contribuição para a descrição de conteúdos sentidos como “quentes” (Zilberberg, 2001, p. 20). No que concerne à semiótica tensiva, o delineamento desse plano se dá através do esquema proposto para a *tensividade*, tendo os conceitos de *valor* e *valência* como base.

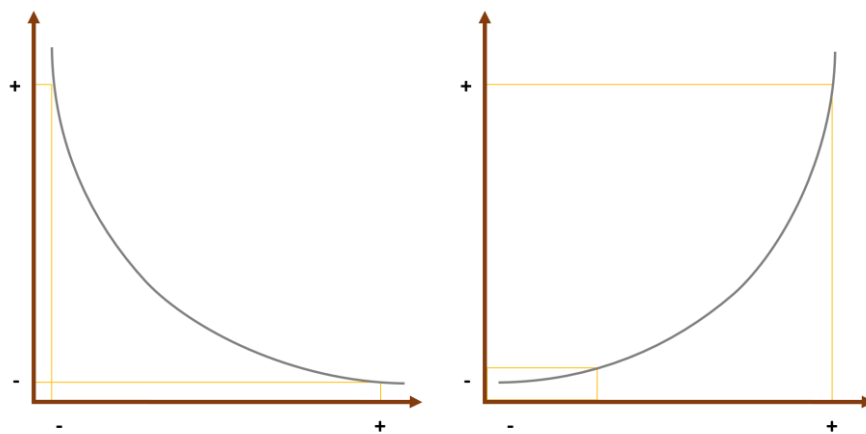
A tensividade, termo que empresta seu nome como designação geral do modelo semiótico desenvolvido por Fontanille e Zilberberg, é então delimitada como um lugar imaginário no qual a *intensidade* – também compreendida como o “sensível” ou os “estados de alma” – e a *extensidade* – por sua vez, o “inteligível” ou os “estados de coisas” – dos objetos semióticos se conjugam e se interdefinem (Zilberberg, 2002b, p. 115). Entretanto, devemos fazer a ressalva de que o termo “imaginário” aqui não é tributário da concepção lacaniana, indicando apenas o caráter potencial e não-substancial, localizável apenas enquanto um espaço de conjugação demarcado nos atos de discurso. Simultaneamente, Zilberberg reafirma a predominância da intensidade por sobre o campo da extensidade (2002b, p. 115), sendo esta uma consequência direta do modo de posicionamento das precondições da significação (tensividade, foria, valências...) e da proeminência da aspectualidade em detrimento do nível semionarrativo na semiótica das paixões. Dessa forma, podemos concluir que, ao contrário do que o título de *Tensão e significação* (Fontanille; Zilberberg, 2001 [1998]) possa

²⁰ Notadamente, Zilberberg (2002b) destaca a psicanálise, em primeiro lugar, seguida dos *Cadernos* de Paul Valéry, de determinados capítulos da *Filosofia das formas simbólicas* de Cassirer, e da filosofia de Nietzsche como as principais dentre as poucas exceções a uma disposição de negligenciar a temática da afetividade (Zilberberg, 2002b, p. 124). No que concerne às teorias da linguagem, o autor ressalta que variados textos são dedicados ao afeto ou a uma paixão específica, porém, estes tendem a serem interrompidos antes de alcançar o objetivo de lançar luz sobre o que seria uma análise verdadeiramente linguageira do sensível.

aparentemente sugerir, a tensividade não se opõe ao significado. Diferentemente, a significação está inclusa nos parâmetros, mais amplos, da tensividade, sendo um de seus funtivos²¹. O intuito maior da semiótica tensiva é, pois, precisamente o de ver no encontro tensivo uma ordem de acontecimento que não está subsumida nem ao caráter descritivo – extensivo – de seus objetos, nem aos seus aspectos afetivos, tendo na *ligação* entre tais funções o passo obrigatório na formulação de uma semiótica do contínuo²².

Apresentando o modelo amplo do espaço tensivo, temos as seguintes representações gráficas para duas situações diferentes, no primeiro caso uma correlação inversa (quando mais pede menos e menos pede mais), no segundo, uma correlação conversiva (quando mais pede mais e menos pede menos):

Figura 5: Gráficos tensivos de correlação inversa e conversiva



Fonte: Zilberberg, 2002b, p. 118; Fontanille; Zilberberg, 2001 [1998], p. 26.

Numa correlação conversiva, sendo a linha compreendida como uma isotopia discursiva qualquer, conforme podemos depreender da Figura 5, temos que o recorte do espaço tensivo pelas funções de extensividade e intensividade são constituintes do próprio discurso. Isso somente é possível de ser compreendido com a inserção das noções de valor e valência. Porém, antes devemos destacar que o gráfico assintótico é utilizado para indicar que o grau zero de uma pura extensividade ou, o que nos interessa diretamente, uma *pura intensividade* não, é, de fato, nunca alcançado. Logo, temos por consequência que tal apresentação não é compatível com leituras feitas dos conceitos de *afeto*, *quantidade de afeto* ou da noção de *quantidade* na obra freudiana com o intuito de designar uma sobrequalificação – seja ela afetiva, quantitativa ou intensiva – a partir de um

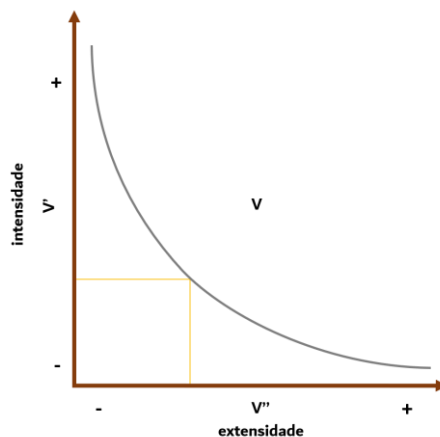
²¹ Termo de origem hjelmsleviana, designa o(s) elemento(s) componente e estruturante de uma função.

²² Que, nem por isso, deixaria de responder às aparições de descontinuidades (Fontanille; Zilberberg, 2001 [1998], p. 19).

elemento totalmente não-qualificado. Certamente, já não poderia ser conciliável com versões substancializadas ou reduzidas a aportes biológicos em qualquer ordem, posto que tal abordagem não encontra lugar num exame imanente à linguagem. Contudo, o delineamento de curvas assintóticas para o campo tensivo expõe igualmente a divergência em relação a abordagens do quantitativo enquanto metafórico, pois, nele, o esvaziamento do afeto é tido como pressuposto aos investimentos posteriores.

Se os gráficos anteriores dizem respeito ao recorte feito no plano da tensividade por um discurso qualquer, devemos nos perguntar no que tal procedimento resulta. Ampliando o foco de atenção sobre o gráfico, poderemos nele também identificar as relações entre os valores e valências. No entanto, não se trata de uma especificação em relação à ordem dos processos em questão, como se a formação da cadeia isotópica determinasse sempre a constituição de novos valores ou o contrário. A linguagem possui plasticidade o bastante para que ambos os casos sejam admissíveis e, até mesmo, casos de geração e arranjo concomitante. Passemos em seguida a uma versão mais completa do gráfico anterior:

Figura 6: valor e valências no gráfico tensivo



Fonte: a partir de Zilberberg, 2002b.

No gráfico mostrado na Figura 6, [V] designa o valor enquanto [v'] e [v''] indicam suas valências. Certamente, não se trata de uma relação de subsunção, mas sim, da retomada do conceito saussuriano de valor, que passa a ser entendido enquanto “associação de uma valência intensiva e de uma valência extensiva” (Zilberberg, 2002b, p. 116). Justiça seja feita, devemos aqui desdobrar a análise em dois pontos: o primeiro, relativo à concepção conjunta de Fontanille e Zilberberg a respeito da valência e, num segundo momento, o desdobramento teórico proposto por Zilberberg sobre este conceito. Contudo, para oferecer uma maior visibilidade do contexto teórico em que a discussão se insere, faremos uma

breve síntese da abordagem empregada por Saussure quanto ao conceito de valor e a temática geral que ele implica.

A partir do *Curso de linguística geral*, o valor assume um duplo papel na linguística: por um lado, corresponde à noção vaga, declaradamente originária da matriz político-econômica, da “equivalência entre coisas de ordens diferentes” (Saussure, 2003 [1916], p. 95), por outro, adentra na própria concepção de língua, constituída de maneira imanente como “um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos” (Saussure, 2003, p. 95; 130). Não é difícil perceber na obra do mestre genebrino que é justamente o conceito de valor que lhe permite prescindir do ponto de vista referencialista e, logo, realista, o que o leva a destacar que o próprio entendimento concernente ao processo de “identidade” se confunde com o de valor (2003, p. 128). Entretanto, os limites conceituais são tênues, como mostra a seguinte passagem: “o valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é difícil saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência” (Saussure, 2003 [1916], p. 133). A questão fica de tal modo intrincada que, com o intervalo de apenas uma página, o autor novamente distingue valor e significação relativos a uma palavra ao dizer que ela “está revestida não só de uma significação como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente.” (2003, p. 134). A nosso ver, e de acordo com a direção aqui defendida, mesmo que os limites epistemológicos entre as concepções de valor e significação não estejam bem delineados no texto saussuriano, sua relevância está na acentuação de sua “natureza puramente diferencial” (2003, p. 140), o que possibilitará o desenrolar da linguística, principalmente na vertente semiótica, por caminhos alheios ao de reduções a realismos de toda sorte.

Já na semiótica greimasiana, como nos foi possível observar no item anterior, a temática do valor é reapresentada tanto nas precondições da significação, sobretudo, na tensividade, foria e valência, quanto no processo – igualmente constituinte do discurso – de aspectualização. No entanto, a prevalência de modelos excessivamente oposicionistas faz com que apenas em seus últimos textos o valor possa começar a ser pensado em termos mais contínuos, dando assim maior pertinência à dimensão tímica, através do exame de elementos próprios ao campo das paixões. Mesmo na *Semiótica das paixões*, a questão da análise da concepção subjacente ao valor, a partir de então analisada também em termos de valência, não avança para além da suposição de contornos ainda esparsos de uma “sombra de valor”, ou, com o problema duplicado de um “valor do valor”. Note-se que estamos caminhando por sucessivas ampliações de foco de análise, ou, melhor dito, pela composição de modelos semióticos gradualmente mais complexos. É o que veremos ao voltar ao exame do gráfico acima apresentado e ao conceito de valência na semiótica

tensiva pelas duas vias então indicadas, as do texto *Tensão e significação* e a referente aos trabalhos posteriores de Zilberberg.

Antes, havíamos destacado a função desempenhada pela inclusão do conceito de *valência* na semiótica das paixões. Contudo, a definição a ele dada a partir do texto *Tensão e significação* (Fontanille; Zilberberg, 2001 [1998]) – espécie de “manifesto” por uma semiótica tensiva – o torna ainda mais incisivo no que concerne a uma abordagem imanente do campo econômico na linguagem. Vejamos como os autores propõem sua leitura:

Num enfoque global, a valência caracterizaria, por conseguinte, ao mesmo tempo o *liame tensivo* e o *número de liames* que unem um núcleo e seus periféricos, estes definidos pela atração que o núcleo exerce sobre eles e pela ‘potência de atração’ do núcleo, reconhecível pelo número de periféricos que ele é capaz de manter reunidos sob sua dependência. A quantidade estaria, nesse caso, sob o controle da intensidade e vice-versa; os dois juntos caracterizariam as relações de dependência, produzindo globalmente efeitos de *coesão*. (Fontanille; Zilberberg, 2001 [1998], p. 15, *itálicos do original*)

Mais profunda que uma semiótica de paixões tomada isoladamente, a semiótica tensiva propõe uma reordenação radical do ponto de vista econômico a partir do remodelamento da concepção de valor, o que se dá através dos desenvolvimentos relativos ao conceito de valência. No texto em questão, a valência é definida como uma espécie de potência de atração, não-metafórica porque colocada em termos discursivos. Ao invés de se ater às figuras sêmicas de “força” e “energia”, tal como determinadas leituras do freudismo tentaram ressaltar, a semiótica tensiva busca, com o conceito de valência, especificar as atrações que certos objetos semióticos exercem em cadeias discursivas em suas mais variadas apresentações, seja no plano da expressão, seja no plano do conteúdo. Assim, às valências são atribuídos *gradientes de profundidade* em função de sua atualização no campo tensivo, no que diz respeito tanto à intensidade quanto à extensidade. Os primeiros são denominados *profundidades* (ou *gradientes*) *tímicos* enquanto que, aos referentes à extensão, cabe o nome de *profundidades classemáticas*. O afeto, por sua vez, é incluído no primeiro grupo, recortando o espaço tensivo através de gradientes tímicos *tônicos* ou *átonos*. Porém, como veremos ainda, o afeto não se restringe a essa dicotomia.

A fundamentação do conceito de valência acima descrito que, por sua vez, insere o de valor numa dinâmica de atualização das profundidades tímicas e classemáticas, tem especial interesse para a teoria psicanalítica, primeiramente, pela contribuição a que o conceito visa na elucidação da formação de isotopias. Se antes podíamos deduzir do gráfico que a linha discursiva assintótica era formada pela soma do cruzamento entre os pontos (como qualquer análise de

gráfico cartesiano levaria a supor), a sua definição enquanto “liame tensivo” oferece a vantagem de supor as valências para além de unidades discretas, opositivas, tal como se caracterizou o primeiro estruturalismo da semiótica, mas como processos que demarcam *vetores* (Zilberberg, 2002b, p. 127). Essa distinção é crucial em relação, por exemplo, ao quadrado semiótico. Não se trata aqui, pois, apenas do jogo opositivo entre significações, mas sim da fundamentação discursiva dos laços que intensa ou extensivamente provocam a aproximação ou afastamento entre objetos semióticos. A formação dos chistes e, sobretudo, dos sonhos, para citar apenas duas dentre as variadas aplicações possíveis, tem estreita relação com a constituição do espaço tensivo por profundidades classemáticas e tímicas, ou seja, pelas valências. Os processos inconscientes fariam, assim, uso dos liames inerentes a tais profundidades tanto para *deslocar* quanto para *condensar* as ligações entre valências, criando desse modo novas configurações tensivas que não poderiam ser sentidas senão como diferentes *valores*. E, nesse caso, note-se que há liberdade para a criação no que se refere tanto aos gradientes tímicos quanto às características extensas. Logo, a avaliação dos elementos da semiótica tensiva proporciona subsídios para que seja revista, discutida e, eventualmente, reposicionada uma série de conceitos cruciais ao arcabouço psicanalítico sem com isso termos de fazer referência a suportes energéticos ou quantitativos no sentido biológico, dando, pois, novos lastros para os últimos direcionamentos lacanianos quanto ao afeto. ●

Referências

- ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente*: Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- ARRIVÉ, Michel. *Linguística e psicanálise*: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- BEIVIDAS, Waldir; RAVANELLO, Tiago. Sémiotique du discours onirique : Le rêve de Freud. *Révue Internationale Langage & Inconscient*, Paris, v. 2, p. 09-29, 2006.
- CESAROTTO, Oscar. *Sedições*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- DAVID-MÉNARD, Monique. *Tout le plaisir est pour moi*. Paris: Hachette Littératures, 2000.
- DOSSE, François. *Histoire du structuralisme I : le champ du signe, 1945-1966*. Paris: Éditions La Découverte, 1991.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH-USP, 2001 [1998].
- FREUD, Sigmund. *A Significação antitética das palavras primitivas*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XI, 1996 [1910].
- FREUD, Sigmund. *O Estranho*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XVII, 1996 [1919].

- GREIMAS, Algirdas Julien. *La mode en 1830*. Paris: Presses Universitaires de France, 2000 [1948].
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. São Paulo: Editora Cultrix, 1976 [1966].
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975 [1970].
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker Editores, 2002 [1987].
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. (Orgs). *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008 [1986].
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Editora Ática, 1993 [1991].
- HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas: UNICAMP, 1992.
- HISGAIL, Fani. Semiótica da Perversão. In: CHALHUB, Samira (Org). *Psicanálise e o contemporâneo*. São Paulo: Hacker, 1996.
- HISGAIL, Fani. *A ciência dos sonhos: um século de interpretação freudiana*. São Paulo: Unimarco, 2000.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003 [1961].
- HJELMSLEV, Louis. *Le langage*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1966.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- JAKOBSON, Roman; WAUGH, Linda. R. *The sound shape of language*. Nova York: Walter de Gruyter, 2002.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005 [1969].
- LACAN, Jaques. Para-além do “Princípio de realidade”. In: LACAN (1998 [1966]) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998 [1936].
- LACAN, Jacques. O seminário sobre “A carta roubada”. In: LACAN, J. (1998 [1966]) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998 [1955].
- LACAN, Jacques. *O seminário: Livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985 [1972-1973].
- LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Structure and form: Reflections on a work by Vladimir Propp. In: PROPP, Vladimir. I. *Theory and history of folklore*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.
- LOPES, Edward. *A identidade e a diferença: raízes históricas das teorias estruturais da narrativa*. São Paulo: Edusp, 1997.
- MILNER, Jean-Claude. *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- PEIRCE, Charles Sander. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- RAVANELLO, Tiago; DUNKER, Christian Ingo Lenz; BEIVIDAS, Waldir. Uma via indireta para a abordagem do afeto: libido, gozo, pulsão escópica. *Tempo Psicanalítico*, v. 49.1, p. 9-36, 2017.
- SANTAELLA, Lucia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Thomson, 2002.

- SANTAELLA, Lucia. *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Cours de linguistique générale: édition critique préparé par Tullio de Mauro*. Paris : Éditions Payot, 1985 [1916].
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2003 [1916].
- ZILBERBERG, Claude. *Ensayos sobre semiótica tensiva*. Lima: Colección Biblioteca Universidad de Lima, 2000.
- ZILBERBERG, Claude. *Forme, fonction, affect*. In: *Louis Hjelmslev a cent'anni dalla nascita*. Pádua: Imprimerie, p. 79-100, 2001.
- ZILBERBERG, Claude. *Seuils, limites, valeurs*. In: HÉNAULT, A. (Org.) *Questions de sémiotique*. Paris: P.U.F., p. 343-360, 2002a. Disponível em: <<http://www.claudezilberberg.net/download/downset.htm>>.
- ZILBERBERG, Claude. *Précis de grammaire tensiva*. *Tangence*, n. 70, 2002b. Disponível em: <<https://www.erudit.org/fr/revues/tce/2002-n70-tce609/008488ar.pdf>>.

Psychoanalysis and tensive semiotics: outline for a semiotic approach to affect

 RAVANELLO, Tiago

Abstract: This paper aims at presenting the basis for a discursive approach to affect, a Freudian concept that is as relevant to clinical research as it is to clinical practice. On these grounds, the main purpose of this article is to avoid the subjugation in some points of view on psychoanalysis that embrace affect onto organic principles, thus imprinting an ontological style to Freudian epistemological project. Some Saussurean, Hjelmslevian, and Greimassian concepts will be examined and put to use altogether with tensive semiotic resources. As a result, this text puts forth a tensive-based model, aiming at a new reading of the Freudian economic model.

Keywords: psychoanalysis; semiotics; affect; language.

Como citar este artigo

RAVANELLO, Tiago. Psicanálise e semiótica tensiva: elementos para uma abordagem semiótica dos afetos. *Estudos Semióticos* [on-line]. Volume 16, número 1. Dossiê temático “Semiótica e Psicanálise”. São Paulo, julho de 2020, p. 43-69. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

RAVANELLO, Tiago. Psicanálise e semiótica tensiva: elementos para uma abordagem semiótica dos afetos. *Estudos Semióticos* [online]. Vol. 16.1. Thematic issue: Semiotics and Psychoanalysis. São Paulo, July 2020, p. 43-69. Retrieved from: <www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: year/month/day.

Data de recebimento do artigo: 07/01/2020.

Data de aprovação do artigo: 05/03/2020.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons License CC BY-NC-SA 4.0.

